

## Trabalho e lazer: os espaços de sociabilidade relacionados com ambientes fabris da região da colônia de Pelotas (1950-1970)

Luísa Lacerda Maciel<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho busca analisar a relação entre trabalho e sociabilidade na região da Colônia de Pelotas<sup>2</sup>, buscando-se identificar esses espaços de sociabilidade, bem como compreender de que forma estão relacionadas diretamente ao trabalho fabril. Do período referente ao aparecimento das fábricas de caráter artesanal, Bach (2009) constata que a sociabilidade entre os trabalhadores fabris e suas famílias era “ponto alto”. Para esta pesquisa, será usado o recurso da “história oral”, bem como a pesquisa em locais que apresentem documentação referente à espaços de sociabilidade pública, como por exemplo paróquias da região que trazem informações sobre os salões comunitários.

**Palavras-chave:** Colônia de Pelotas – Sociabilidade – Fábricas artesanais - Imigração

“Entre uma situação e outra, o trabalho e a festa, a produção e a celebração, uma diferença simples e quase romântica estaria dizer que, pelo menos para o caso de trabalho rural, o trabalho gera os frutos da terra, e a festa camponesa celebra os seres – humanos, naturais ou sobre naturais – por meio das quais acredita-se ou sabe-se que os frutos são gerados”

(Brandão, 2009, p. 39)

O trabalho aqui apresentado tem por objeto de pesquisa os espaços de sociabilidade comunitários, mais especificamente as festas comunitárias, relacionados com o trabalho fabril na região de colonização imigrante na cidade de Pelotas (RS). A partir de entrevistas, busca-se recompor o cenário em que se deram essas festividades, bem como a identificação de elementos constitutivos da memória social dos agentes sociais.

Trabalhos recentes que abordam o tema patrimônio cultural e memória social irão voltar sua atenção para zona rural, caracterizando sua paisagem, arquitetura, costumes e tradições, por exemplo, como “patrimônio cultural rural” (Panis, 2008; Silva, 2009). Nesse contexto, a colônia de imigração da região de Pelotas (RS) vem sendo analisada em virtude de suas diversas manifestações culturais, como por exemplo o trabalho de Panis (2008), que ressalta a cultura italiana considerando “(...) a arquitetura e a paisagem rural, os costumes e tradições italianas que representam o conjunto do arranjo espacial, como casas de pedra,

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Federal de Pelotas, Especialista em Educação pela mesma instituição. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Bolsista CAPES. E-mail: luisamaciel@gmail.com

<sup>2</sup> O termo *colônia* é remanescente do século XIX, quando era usado para identificar uma área específica de colonização. Atualmente é usado genericamente para denominar a zona rural da região serrana, composta por vários distritos. (Peixoto, 2003)

moinhos, cantinas de vinho, ferramentas de trabalho, dentre outros; e da reprodução social cotidiana como a religiosidade, técnicas de trabalho, a produção do vinho, práticas de lazer e festas religiosas, (...)” (s.p.)

A vinda dos imigrantes para a região de Pelotas está inserida no processo de substituição da mão-de-obra escrava no Brasil – a partir de 1850 – e a consequente queda na produção das charqueadas. O Governo Imperial, nesta época, realiza a busca de terras devolutas, que deveriam ser demarcadas e colonizadas. Segundo Peixoto (2003), na região da Serra dos Tapes, a colonização se deu através de dois processos diferentes: a imigração espontânea, que ocorreu ao longo de algumas décadas e a imigração organizada (pelo governo ou particulares). Charqueadores e estancieiros vislumbraram na imigração uma fonte de enriquecimento, sustentando um movimento de especulação fundiária, conforme afirma Grandó (1990). Segundo o autor, esses charqueadores, “(...) apossavam-se das terras de mato contíguas as suas propriedades e transformavam-nas em colônias a serem vendidas aos imigrantes, retendo para si, todavia, as terras planas. O sistema de colonização privada juntou-se, assim, à colonização oficial.” (p. 18). A partir desse processo de intensificação da colonização da zona sul do Rio Grande do Sul começa a surgir os estabelecimentos agrícolas de caráter familiar.

Na colônia Maciel, por exemplo, a base econômica era a agricultura. Cultivavam o milho, a uva e árvores frutíferas, das quais iniciaram a produção de compotas caseiras. (Peixoto, 2003). A dificuldade de comunicação entre a cidade e a colônia (Peixoto, 2003) e entre as próprias colônias (Caruso, 2008), resultaram num esforço para viabilizar a sobrevivência das famílias, levando ao aparecimento de fábricas de caráter artesanal. Com o passar dos anos, desenvolvem-se “(...) moinhos, vinícolas, pequenas fábricas de compotas, doces em pasta e embutidos atrelados às propriedades rurais e que conferiam um caráter diversificado às colônias.” (Caruso, 2008, p. 15).

Com base nas entrevistas de descendentes de imigrantes italianos, Peixoto (2003) ressalta a existência, desde o início da colonização, de uma inter-relação entre os espaços – as lavouras, os currais e as casas... A importância dessa relação residia no fato de que era indispensável agilidade no trabalho, e a participação de todos os membros da família. Segundo ela, o primeiro modelo de assentamento desses colonos serviu de base para o modelo atual que caracteriza a propriedade rural. As alterações neste espaço, provocadas com o tempo, devido a melhores condições financeiras, ou de novos padrões culturais, não afetaram por completo as condições de trabalho e as relações pessoais (Peixoto, 2003).

Santos (1986) afirma que o espaço é um testemunho. Segundo ele, o espaço,

(...) testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrario, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas [...] Os modos de produção cedem lugar a outros, os momentos de cada modo se sucedem enquanto os objetos sociais por eles criados continuam firmes, e muitas vezes ainda com uma função na produção. (p. 138)

Bach (2009), afirma que grande parte das indústrias de conservas de frutas na zona rural de Pelotas era composto por pequenas fábricas tipicamente artesanais, geralmente localizadas junto à residência do proprietário, guardando, muitas delas, as características da casa da família. As instâncias do doméstico e do trabalho confundiam-se. Além disso, o autor afirma que a fábrica cumpria um papel social muito importante dentro da comunidade, pois, de acordo com relatos orais obtidos para sua pesquisa, pôde constatar que várias serviam de local para comemorar festas de casamento de familiares, bodas de prata, festas religiosas ou celebração de cultos dominicais. Portanto, segundo Bach, “o lazer do trabalhador colonial tinha na sociabilidade o ponto alto. Nos bailes, festas do colono, do pêssego, no futebol, enfim, em todos os eventos, a figura da rainha estava presente.” (p. 24).

O mesmo autor ainda aponta as formas de sociabilidade que se verificavam na colônia, destacando os bailes e os chás dançantes. Em relação aos bailes, afirma que os principais faziam parte de um calendário “oficial” – Baile de Natal, Baile de Ano Novo, Baile de Páscoa, Baile da escolha da rainha da colônia – um dos mais expressivos. Esses bailes tinham grande repercussão nas redondezas, já que vinham várias pessoas até de outros municípios. Nesse caso, o autor identifica que o mesmo meio de transporte utilizado para o trabalho (carroça, ao menos na década de 1950) também servia para o lazer. Esses eventos tinham grande notoriedade na mídia também: há registros em jornais como o “Diário Popular”, e também na Rádio Cultura de Pelotas, em entrevista concedida ao autor.

Percebe-se, portanto, a significativa importância que atribuídos à esses espaços de sociabilidade, principalmente no que se refere ao período abarcado por esse trabalho. Deste modo, tem-se como foco central desta investigação identificar e analisar quais seriam esses espaços de sociabilidade, e qual a relação que pode ser estabelecida entre estes e o espaço fabril, na Colônia de Pelotas, no período caracterizado como o início, o apogeu e o declínio dessas fábricas, ou seja, de 1950 a 1970 (Bach, 2009; Caruso, 2008)

De acordo com Mota (2003),

A sociabilidade é uma categoria que possibilita compreender a relação entre esferas da vida cotidiana e do trabalho, simultaneamente, tanto no que se refere às suas formas (redes de indicação, equipes de convivência no trabalho e na rua, por exemplo) quanto ao conteúdo (interesses, finalidades, desejos dos indivíduos). (p.56)

Para esse trabalho de pesquisa, inicialmente será realizada uma pesquisa exploratória, buscando bibliografias relacionadas ao tema proposto. Nesse sentido, alguns textos já foram buscados em sites acadêmicos de busca<sup>3</sup>. Nestes foram encontrados excelentes trabalhos que servirão de referência futura para o presente estudo. Além disso, na pesquisa na Biblioteca das Ciências Sociais (ICH | UFPel), também foram encontradas bibliografias de referência.

À esta altura do trabalho foi realizada, ainda, uma análise prévia do acervo de entrevistas do Museu Etnográfico da Colônia Maciel. Neste acervo, encontram-se entrevistas com antigos moradores da região denominada “Colônia Maciel” que foram realizadas para a constituição do Museu, e que indicam possíveis entrevistados para este trabalho, bem como lugares de sociabilidade que também podem ser relacionados à esse estudo.

Como mencionado anteriormente, o recurso da entrevista (história oral) também será utilizado nessa pesquisa, no intuito de termos uma melhor compreensão acerca dos espaços de sociabilidade no cotidiano dessas pessoas relacionadas aos espaços fabris da colônia de Pelotas. No presente momento, está sendo realizada um roteiro para uma primeira entrevista, que deve “abrir os caminhos” para as próximas, no sentido de indicar outros possíveis entrevistados. Acredita-se que durante as entrevistas possa ser usado o recurso da fotografia, como elemento evocador de memórias, bem como documentação desses espaços de sociabilidade.

Em fase inicial, foi realizada uma pesquisa exploratória com o intuito de identificar alguns desses espaços, mais propriamente os salões comunitários. Até o momento, foram visitados três locais onde se realizam ainda hoje festas comunitárias: Comunidade<sup>4</sup> Nosso Senhor do Bonfim (Cascata – 5º distrito), Comunidade Santo Antônio (Cascata – Estrada do Umbu), e Comunidade São Judas Tadeu (Monte Bonito – 9º distrito). Nessa primeira prospecção pode-se observar a estrutura dos salões comunitários, que possuem muitas churrasqueiras, copa, campo de futebol. Além disso, também foi realizada uma conversa preliminar com o coordenador de uma das comunidades (Santo Antônio), que indicou elementos importantes a serem apontados nesse estudo, como por exemplo, a existência dos

3 <http://www.scielo.br/>, <http://cj.uenp.edu.br/>, <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/>, <http://www.cfh.ufsc.br/>, <http://bdt.d.ibict.br/>, entre outros.

4 O termo “comunidade”, aqui utilizado se refere ao salão e suas instalações, onde ocorrem as festas e as celebrações religiosas de determinada localidade.

“casais festeiros”, principalmente no que se refere ao período aqui trabalhado (já que hoje, segundo o entrevistado, não se tem mais esse costume). Esses casais eram escolhidos pela comunidade, para se ocupar da organização das festas da comunidade. Seu trabalho era, principalmente, o de arrecadar doações para as festas. Essas doações constituíam-se de produtos de suas casas, como carnes, farinha, ovos, entre outros para o preparo das refeições da festa.

Além disso, foi realizado um primeiro contato com autores locais, que trabalharam com temas relacionados à essa pesquisa, com o intuito de alcançar informações que possam auxiliar nesse trabalho.

Com este trabalho pretende-se ampliar o debate referente à memória cultural dessas comunidades, não perdendo de vista a diversidade que se apresenta nas manifestações culturais das mesmas.

### Referências Bibliográficas:

BACH, Alcir Nei. **O patrimônio industrial rural: as fábricas de compotas de pêssego em pelotas – 1950 à 1970**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O trabalho e a festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês. In: GODOI, Emilia P. de, MENEZES, Marilda A. de, MARIN, Rosa A. **Diversidade do Campesinato: expressões e categorias**. São Paulo, Ed. UNESP, 2009.

CARUSO, Cíntia de O. **A agroindústria familiar no extremo sul gaúcho: limites e possibilidades de uma estratégia de reprodução social**. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008

CARVALHO, Paulo. **Patrimônio e (re)descoberta dos territórios rurais**. *Boletim Goiano de Geografia*, 23 (2): 173-196, jul./dez. 2003.

GRANDO, Marinês Zandavalli. **Pequena Agricultura em Crise: O Caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul**. [Tese] Porto Alegre: Fundação de Economia Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1990.

MOTA, Dalva Maria da. **Trabalho e Sociabilidade em espaços rurais: Os Trabalhadores da Fruticultura do Platô de Neópolis**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

PANIS, Marcelo e OLIVEIRA, Melissa. **Paisagem e arquitetura rural: O caso da região Pelotense/RS**. *Labor & Engenho: planejamento, patrimônio e paisagem*, Campinas, v. 1, n.2, p.2-16, dez. 2008. Disponível em: <[www.labore.fec.unicamp.br](http://www.labore.fec.unicamp.br)>

PEIXOTO, Luciana S. **Memória da imigração italiana em Pelotas/RS. Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas.** Pelotas: UFPel, 2003. (Monografia de Conclusão do Curso de História da UFPEL).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

Santos, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Editora Hucitec; 1986.

Santos, Roberta M. A. & Gonçalves, Margarete R. F. **Fábricas de doces coloniais de Pelotas (RS): entender o espaço para preservar seu patrimônio.** In.: Cadernos do CEOM – Ano 22, n. 31, p. 103-119, 2010.